

Stultifera  
Navis



# Stultifera Nauis

I

*In Keyserliche Majestät zu Regensburg 1498*

Marragonice pfectiōis nunq̄ satis  
laudata Nauis, per Sebastianum.

Brant, venaculo vulgariq; sermōe & rythmo pro cūctosq; mortalit̄  
fatuitatis semitas efugere cupientiū directōe / speculo / cōmodoq;  
& salute: proq; inertis ignaueq; Stulticie p̄petua infamia / execratōe  
& cōfutatōe nup̄ fabricata: Atq; iā pridem Per Iacobū Locher  
cognomēto Philomusum: Sueuū: in latinū traducta eloquit̄: &  
per Sebastianū Brant, denuo seduloq; reuisa: felici exordii p̄cipio

*Antiqu. v. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20.*

## Nauis stultorū



*gloria*

*S.*

*Imprimetur in Sumptibus et Urbe libera de A  
gentina per Almagro dehi. in anno m. d. c.  
luter. v. b. 1497. h. e. J. d. i. i. Bas. l. 1498.  
P. m. f. 1507. 4. apud Badiu. Accensio*



## A balada de Bergantim

*Todos, no arregalado respeito, tinham as vistas neblinadas  
(Guimarães Rosa, Sorôco, sua mãe, sua filha)*

Era outubro e eu ainda tinha o anão. Fazia frio. Fazia frio e chovia. A senhora não sabe como chove em Porto Alegre. É frio, chuva e vento. Tudo junto. É um céu de *blues*. Eu curtia assim mesmo. O anão curtia e cantava: “...a fumaça cinza das fábricas/ me dá um peso na alma”. Meu olho pesava. Meu ombro pesava. Meu corpo pesava. Um mundo inteiro eu já tinha visto e a outra parte carregava. A porra do anão só ria: “que merda é essa que tu tá dizendo”. Eu respondia: “cala a tua boca, filho da puta”. Eu gostava do anão. Mas acho que ele me odiava...

Eu tinha dezessete anos, senhora. Não sabia segurar direito aquele troço. Era pesado demais. Mesmo assim, dei um tiro no pai. Ele ficou ali deitado e eu fui embora. Nunca mais o vi. Virei as costas. Entrei na aula. Voz

passiva e voz ativa. Odeio gramática. Quando a professora falou em objeto direto, dei um tiro na perna dela. Direto mesmo. O sangue espirrou no quadro feito uma preposição. As colegas gritaram. Eu saí da sala rindo. O porteiro me pegou na saída. A arma não era minha. Não era minha. Era do anão.

A senhora leu o livro que eu escrevi? Escrevi sim. Recebi prêmio na Alemanha. Fiz palestra na França. Bebi e fumei na Inglaterra. Dormi na rua. Acordei com um fotógrafo me enchendo o saco. “Uma entrevista para o Brasil, por favor”. Eu disse: “o Brasil que se foda”. A senhora me desculpa falar assim pra senhora. Mas a senhora que se foda também. Não querem mais saber de mim. Ninguém. A senhora não sabe, mas já participei de debate com Jonathan Franzen, tomei café com a Sontag, rum com Pedro Juan, no Malecón. Eu vi o Vargas Llosa dar um soco no García-Márquez. Fui amigo do Lobo Antunes. Mas não dão valor. Não querem nem saber. País de merda.

Não, a senhora está confundindo tudo. A Patrícia era casada com o anão. Depois, eu casei com ela e tivemos três filhas. A Luciana, a Sabrina e a Sandra. Éramos felizes. Viajamos o mundo inteiro. A Patrícia era jornalista, mas tinha dinheiro. Moramos na Argentina, em Posadas. Caminhávamos na Costanera, olhando o rio Paraná. Dez anos. Vinte anos. Periferia do mundo. As meninas estudaram. Não sei o que aconteceu, elas desapareceram. Sumiram. A Patrícia sempre me falava do anão. Ele batia nela. Filho da puta.

É claro que eu não queria pular do quinto andar. Eu parei para fumar um cigarro. Eu estava no escritório do apartamento, relendo alguns processos e preparando a defesa do Lima, ou do Augusto, não me lembro bem. “Destarte”, “outrossim”, “caput”. Enfim, *iura novit curia*. Não preciso explicar mais nada. Estava cansado daquele palavrório todo. Odeio a retórica pomposa e vazia do Direito. O dia lindo lá fora, dava pra ver o Cristo se eu me debruçasse. Então, resolvi parar um pouco, fumar um cigarro e sentei na janela. A senhora acredita? As pernas balançavam no vazio. Vi um aglomerado de gente lá embaixo. Alguém gritou: “pula”, e a pequena multidão, em uníssono, me incentivou a pular. Então... bom, a senhora já sabe. Não preciso dizer mais nada. *Iura novit curia*.

Depois, enquanto médico, tentei fazer uma cirurgia em um *hamster* chinês que eu tinha, mas “o paciente veio a óbito”, conforme dizem os doutores médicos que não são doutores de porra nenhuma. Mas eu era criança, eu não tive culpa. A senhora sabe, a senhora explique para minha mãe, por favor, explique para minha mãe que eu não tive culpa...

Não, senhora, minha vida não tem mais poesia. É vazia. Como as paredes deste quarto. Como um sonho que a gente não lembra. Uma barafunda. Eu escrevi uma música que falava disso, a senhora lembra? O Chico Buarque roubou e gravou. Como Pérez, meu vizinho do quarto ao lado. Uma vez, ele teve uma ideia de um romance em que o protagonista seria um dos heterônimos do Fernando

Pessoa. Todos os dias ele nos contava detalhes de sua história. Até que Saramago publicou *O ano da morte de Ricardo Reis*, a narrativa do Perez. A senhora sabe o que eu penso: há uma voz interior que nos liga à mente uns dos outros. A senhora duvida? Então feche os olhos e tente ouvir o que estou pensando agora... A senhora sente? A senhora consegue?

Meus três únicos filhos, o Rafael, o Diego e o Gabriel, não querem mais me ver. Nunca mais falei com a Patrícia, desde que saí de Currealzinho. Lá, afundei-me no trabalho. Fui prefeito eleito, peguei na enxada, brocha e picareta. O povo todo a me acompanhar. “Um enxadar de possessos”, disse José Carvalho, nosso escritor-mor. Mas, de lá, não tenho boas lembranças – foi lá que atravessei o Rubicão. “O dia em que Luan Bergantim atravessou o Rubicão”, deve ter sido a manchete da *Gazeta de Currealzinho*, aquele pasquim sensacionalista. Imprensa canalha.

Parecia dezembro. Acordei aqui ao som dos atabaques. Agora, quando ouço dobrar os couros, é sempre a senhora quem entra. Mas, lhe digo: eu não queria matá-lo. A senhora crê na minha narração? Eu juro. Era tarde da noite. Eu li para ele um trecho de *A Lua vem da Ásia*. Fumamos um cigarro e ouvimos Lou Reed, *Walk on the wild side*. Sim, era só um passeio pelo lado selvagem. Sorrimos. Ele concordou, finalmente. Estava na hora de terminar com aquilo tudo de uma vez. A última volta.

Arrumei a corda firme no ventilador de teto e balançamos, como em uma valsa, o anão e eu, ao ritmo suave da brisa que entrava pela janela da sala. Era tudo muito leve. No entanto, antes de escurecer, ainda tive tempo de pensar, olhando nossos pés a oscilar no vazio: como pude ficarmos assim?